

A presença dos sinti e roma na Alemanha

Brigitte Weiß
Moriçá Torres

1. Introdução

A pesquisa que originou o presente trabalho surgiu durante o Curso de Formação de Professores de Alemão realizado no Instituto Goethe de Munique em 1997. De acordo com o projeto proposto, deveríamos escolher um tema da cultura alemã e montar uma aula sobre ele para uma classe experimental.

Na aula ministrada foram utilizadas transparências com o objetivo de sensibilizar os alunos para o tema. A classe foi dividida em grupos, e estes receberam a tarefa de escrever e discutir sobre sua opinião a respeito dos ciganos. A seguir, distribuimos algumas papeletas com determinadas perguntas sobre o filme de curta metragem (20 minutos) “Schimpft uns nicht Zigeuner!”, que foi mostrado alguns minutos após a determinação de tarefas. Finalizamos com a resposta às perguntas feitas e uma avaliação geral da atividade.

Cabe observar que as reações, de um modo geral, foram de resistência ao tema proposto, o que já pôde ser constatado no início da aula, durante a introdução ao tema. A turma era composta de pessoas de todas as partes do mundo, e nenhuma delas expressou uma palavra de simpatia pelos ciganos ou um entusiasmo, pequeno que seja, pelo tema que iria ser tratado. São fatores com que o professor deve contar, quando traz a seus alunos uma matéria tão polêmica. Deve-se considerar, no entanto, que a finalidade educativa não é sempre a de encantar, mas também de incomodar, ou seja, tirar da acomodação, levar o aluno a refletir sobre matérias controversas para que forme sua própria opinião, e tenha a possibilidade de se libertar de idéias pré-concebidas. No cômputo geral, foi uma experiência inesquecível.

Nossa investigação contou com um levantamento bibliográfico e uma pesquisa de campo, em que foram entrevistados o Sr. WETTE, um especialista no assunto e co-autor da obra *Zigeuner heute* (GEIGGES/WETTE 1979), e o grupo musical *Traubeli Weiß Ensemble*. Na conversa que mantivemos com os músicos, falaram de modo lacônico sobre sua dificuldade em conseguir moradia e viver de música, bem como sobre os preconceitos ainda presentes na sociedade alemã em relação à etnia cigana.

2. Origem e história

Os ciganos têm sua origem na Índia, da qual saíram em diversas ondas migratórias. No século XI houve um abandono da região em massa, provavelmente provocado pela conquista de sua região por tropas muçulmanas do atual Afeganistão. Os sinti e roma erraram por séculos pela Pérsia, Ásia Menor e pelo Império Bizantino. Somente no início do século XIV se dirigiram à Grécia e de lá se espalharam até o final do século XVI pelo continente europeu.

Segundo registros, foram vistos pela primeira vez na Alemanha na cidade de Hildesheim em 1407. Um salvo-conduto do rei Sigismund, datado de 1423, tinha a função de proteger os ciganos de abusos e desmandos. Além disso, gozavam de privilégios concedidos pelos nobres, os quais apreciavam a música e alguns produtos artesanais na área da ourivesaria e na fabricação de instrumentos musicais feitos pelos ciganos. Em 1496, no entanto, foi revogado o salvo-conduto, e quem tivesse suas propriedades invadidas por ciganos, poderia matá-los sem sofrer nenhuma punição.

Ao longo da história houve outras perseguições, tentativas de torná-los sedentários, como nos séculos XVIII e XIX, porém sem sucesso, pois, para os ciganos eram atentados a sua identidade como povo.

3. Estrutura social e aspectos culturais

Na Alemanha vivem dois grupos étnicos ciganos: os sinti (60.000/70.000), que chegaram à Europa na Idade Média, e os roma (120.000), que se encontram neste país desde o final do século XIX. Este último grupo pode ser subdividido do seguinte modo: os alemães, os trabalhadores convidados (década de 60), os apátridas (final dos anos 70), os candidatos a asilo político (anos 80 e 90) e aqueles que não receberam asilo. Diante de tanta variedade, não se pode falar em uma unidade na cultura cigana, mas de formas diversas de expressão. Apresentaremos, a seguir, alguns aspectos tradicionais que são conservados para a coesão e sobrevivência da etnia.

A língua dos ciganos é o romani e possui um parentesco estreito com o sânscrito. Trata-se de uma língua que permaneceu ágrafa até o início do século XX, sendo transmitida apenas por meio da oralidade. A maior parte dos ciganos fala duas ou mais línguas, em geral a do país em que vive ou onde ficou por mais tempo. Dada a existência de vários dialetos do romani, há, atualmen-

te, uma tentativa de padronizar o idioma, pois ele seria o veículo de manutenção de uma unidade e identidade cultural.

A religião é um outro fator de coesão social. Apesar de existirem ciganos católicos, grego-ortodoxos, bem como muçulmanos, possuem crenças comuns, como o culto aos antepassados. Uma festa religiosa tradicional ocorre anualmente na França, em Saintes-Maries-de-la-Mer, por ocasião da peregrinação em homenagem a Santa Sara Kali, a santa dos ciganos. Nessa oportunidade há transações comerciais, tribunais e reconciliações e encontros familiares.

A família constitui o centro da vida social dos sinti e roma. A união familiar oferece segurança e proteção contra ataques exteriores e representa também uma unidade econômica e educacional. Seu significado para a cultura cigana é mais forte que para nós, pois não possuem instituições como a escola, a administração pública e o estado. Quem transgride as regras e costumes estabelecidos pela família, pode ser expulso do clã, punição máxima para um cigano. Idosos e crianças são valorizados e protegidos, uma família numerosa significa uma benção (vgl. GIERE 1996; SEFEDIN/HOLL 1997).

4. Extermínio durante a Segunda Guerra Mundial

Ao tomarem o poder, os nacional-socialistas deram continuidade à opressão aos ciganos. Já em 1936 tem-se notícia dos primeiros ciganos aprisionados como elementos sociais em Dachau. 500.00 sinti e roma pereceram nos campos de extermínio nazistas, principalmente em Auschwitz. Além disso, o governo de Hitler empreendeu uma campanha de esterilização do povo cigano, fato que abalou muito sua estrutura social, devido ao grande valor atribuído à família, como já citamos anteriormente (vgl. BASTIAN 2001).

5. Organização atual na sociedade alemã

5.1 Formação das ONGs

A grande diversidade dos vários dialetos do romani, devida à aquisição de vocábulos dos diferentes países que os sinti e roma atravessaram, por si só torna a comunicação entre os grupos difícil. Porém, existe um vocabulário básico,

que se refere principalmente às ocupações exercidas por eles, às relações de parentesco, às denominações de animais e utensílios domésticos, que não sofreu variações significativas e que, por conseguinte permite a comunicação em linhas mais gerais. Para a comunicação mais específica, eles recorrem a uma outra língua de uso comum, como o inglês ou o francês. Em vista disto, muitos intelectuais sinti e roma se preocupam com a unificação dos inúmeros dialetos através da criação de um romani estandardizado. Mas há um outro fator que dificulta uma união mais efetiva dos vários grupos: o de que os problemas por eles enfrentados são, muitas vezes, apenas regionais, não abrangendo a totalidade dos sinti e roma na Alemanha. Somado a isto há que se considerar que, em muitos casos, as lideranças sinti e roma ainda se dão no nível de família ou grupo, dificultando muitas vezes uma representação mais ativa na sociedade majoritária. A seguir, enumeraremos algumas organizações de sinti e roma alemães.

Alguns anos após o término da Segunda Guerra Mundial, mais precisamente em 1952, criou-se a Associação dos Sinti na Alemanha, que algum tempo mais tarde passou a chamar-se Associação dos Sinti Alemães, alteração aparentemente pequena, mas carregada de significado, pois a primeira denominação poderia inferir que os sinti não seriam cidadãos alemães. Contudo, descendem de famílias estabelecidas em território alemão, em muitos casos há vários séculos. Muitos destes indivíduos tiveram seus documentos de identidade ou nacionalidade apreendidos e destruídos pelo regime nacional-socialista, entre 1933 e 1945.

Desde o final dos anos 70 do século passado, várias associações regionais se uniram e formaram, em 1982, o Conselho Central dos Sinti e Roma Alemães, com sede em Heidelberg. Atualmente, o Conselho Central, que reúne 16 associações-membro, é presidido por Romani Rose, figura há décadas muito atuante no cenário das reivindicações pelo reconhecimento dos direitos dos sinti e roma alemães. Em 29.5.2006 o Sr. Rose foi nomeado membro do Conselho Internacional de Auschwitz.

Nos últimos meses de 1986, cerca de 1000 roma, vindos majoritariamente da ex-Iugoslávia, refugiaram-se em Colônia. Foram feitas campanhas, por parte de vários setores da sociedade local, contra a permanência deste grupo na cidade, havendo inclusive perseguições policiais. Porém, um grupo de cidadãos de Colônia contactou as famílias roma e fundaram, na virada para 1987, a Iniciativa Roma de Colônia, mediante a qual estes refugiados foram providos de abrigo e cuidados. Algum tempo depois, esta Iniciativa passou a chamar-se Associação Rom eV.

5.2 Trabalho das ONGs

O foco de atuação destas ONGs é principalmente político, social e pedagógico, preocupando-se com o esclarecimento, junto à sociedade majoritária, a respeito dos sinti e roma, e com a desconstrução de preconceitos, muitas vezes fortemente arraigados no imaginário da sociedade alemã.

O Conselho Central dos Sinti e Roma Alemães procura defender os diversos interesses dos sinti e roma que vivem na Alemanha, inclusive no que tange ao tema indenizações por atrocidades cometidas pelo regime nacional-socialista. De fato, desde meados dos anos 80 do século passado, em milhares de casos individuais, o Conselho Central logrou ganho de causa a favor dos requerentes. O fato de os Chanceleres alemães Helmut Schmidt, em 1982, e Helmut Kohl, em 1985, terem reconhecido publicamente as atrocidades nazistas contra sinti e roma como sendo genocídio por motivo racial, proporcionou a base legal para o requerimento e posterior deferimento destas indenizações. Mas o trabalho junto ao governo alemão continua também no sentido de proporcionar proteção, por parte do Estado, contra a discriminação ainda comum de que são vítimas os sinti e roma. Além disso, o Conselho Central organiza ações de protesto contra atos discriminatórios (inclusive atentados) perpetrados geralmente por grupos neonazistas. E no início dos anos 90 do século passado, inaugurou um Centro Cultural e de Documentação dos Sinti e Roma Alemães, que compreende uma biblioteca, um museu dedicado à história contemporânea dos sinti e roma, além de organizar eventos culturais e artísticos, e também exposições. Este Centro Cultural montou a primeira exposição permanente sobre o holocausto dos sinti e roma, inaugurada em 1997.

A Rom eV define-se como uma associação de utilidade pública para o entendimento entre Rom e não-Rom (ou seja, entre sinti e roma alemães e que vivem na Alemanha, e a população majoritária). Ela atua no sentido de integrar as famílias de imigração recente, incentivando a disponibilização, por parte do município, de moradias permanentes; orientando na procura por vagas de emprego, bem como no processo de escolarização e formação profissional; organizando a reunião de membros dispersos destas famílias, além de outras tarefas dentro da área de assistência social. A partir de 1999, passou a oferecer também aconselhamento para jornalistas, políticos e estudantes universitários, com respeito a assuntos referentes à população sinti e roma. Em 2004, começou a organizar projetos pedagógicos envolvendo crianças e adolescentes sinti

e roma, no intuito de oferecer atividades extra-curriculares que auxiliem a mantê-los ocupados fora do horário de aula. A Rom eV atua igualmente na organização de eventos culturais e artísticos, tendo também inaugurado um Centro de Arquivo e Documentação, bastante completo.

6. Conclusão

No decorrer do nosso trabalho, constatamos que os sinti e roma constituem uma presença real, porém ainda não totalmente organizada e integrada à sociedade alemã. Os vários grupos sinti e roma na Alemanha, tendo atingido nas últimas décadas um grau de organização significativo, estão conseguindo conquistar sua cidadania, inseridos que se encontram na sociedade alemã, e iniciaram uma mudança da imagem de como são vistos pela população majoritária, mudança esta operada principalmente pela atuação das diversas Organizações não-governamentais que os representam.

O assunto que foi objeto de nossa pesquisa não se esgota neste trabalho. Ainda há muitos outros tópicos a serem explorados, mas que fugiam da delimitação que nos colocamos.

Bibliografia

BASTIAN, Till. *Sinti und Roma im Dritten Reich. Geschichte einer Verfolgung*. München, C.H. Beck 2001.

GEIGGES, Anita / WETTE, Bernhard W. *Zigeuner Heute - Verfolgung und Diskriminierung in der BRD*. Bornheim-Merten, Lamuv 1979.

GIERE, Jacqueline (Hg.). *Die gesellschaftliche Konstruktion des Zigeuners: zur Genese eines Vorurteils*. Frankfurt / New York, Campus Verlag 1996.

SEFEDIN, Jonuz / HOLL, Kurt. "Die Minderheit der Roma (und Sinti)" In: SCHMALZ-JACOBSEN, Cornelia / HANSEN, Georg. *Kleines Lexikon der ethnischen Minderheiten in der Bundesrepublik Deutschland*. München, C.H. Beck 1997.